

PARALAXE Volume 5 NÚMERO ESPECIAL

Sônia Campaner¹

Este número da Revista Parallaxe traz os textos apresentados no V Simpósio de Estética: Arte fora do Eixo, realizado na PUCSP de 21 a 123 de Maio de 2018. Estes textos correspondem às palestras apresentadas pelos convidados, professoras Ilana Seltzer Goldstein, Julia Buenavntura, e Maria Angelica Melendi e pelo artista plástico Frederico Dalton e às comunicações feitas por pós-graduandos e professores pesquisadores na área.

O tema Arte fora do Eixo foi escolhido com o objetivo de acompanhar as discussões acerca do pensamento decolonial e das produções artísticas que não se enquadram nos padrões atuais da arte americana e europeia, que atendem principalmente às exigências do mercado. Percebemos inicialmente o quanto esse tema exige uma série de discussões, aparando arestas de modo a que não ficássemos restritos à produção artística regional, de raça ou de gênero, ao mesmo tempo fazendo jus a essas perspectivas enquanto ARTE. Apresentamos então o texto que se segue, e que sintetiza o ponto a partir do qual imaginamos que o simpósio poderia ocorrer. Os artigos publicados aqui responderam a essa inquietação, cada qual à sua maneira.

Arte fora do Eixo

S.M. **Eixo** - uma linha reta (imaginária ou real) que atravessa o centro de um corpo e em torno da qual esse corpo executa (ou pode executar) movimentos de rotação. O eixo é uma linha central que divide um plano longitudinalmente. É uma linha que divide ao meio algumas figuras geométricas. Ponto principal de um acontecimento.

¹ Professora doutora do Departamento de Filosofia/PUCSP, editora da Revista Parallaxe e coordenadora do Grupo de estudos em Estética e Filosofia da Arte.

Quando se pensa na expressão fora do eixo, e nela como tema do V Simpósio, pensa-se numa mudança de direção que vai do que é considerado centro para a “periferia”, porém essa mudança de direção não é somente geográfica, mas a ideia de se pensar no que sobrevive às regras da produção artística submetidas ao mercado e à bolsa de valores. Queremos buscar em outras paragens, em outras paisagens, geográficas e de pensamento, aquilo que se opõe por sua própria forma de ser aos ditames de uma produção que carrega consigo valores. A crítica ao mercado não é mera crítica econômica, mas estética, e por conseguinte ética. Desse modo, pretendemos neste simpósio explorar formas estéticas que se referem a outras formas de vida que são possíveis. Essa exploração será feita a partir da ideia de que outras formas de vida possíveis acontecem até mesmo naquilo que chamamos de “centro”. Porque elas são expressão da expectativa e de desejos utópicos que vivem e sobrevivem em qualquer lugar.

Didi-Huberman em *Imagem Sobrevivente* explora essa ideia a partir da leitura de Aby Warburg. Artistas de hoje e outras épocas exprimiram isso. E artistas que produzem suas obras a partir do que dispõem em seu meio ambiente são exemplos claros de que a arte das galerias e do mercado não é o que somente pode existir. A insistência em buscar em paisagens geográficas menos “navegadas” se dá porque nelas as próprias condições distintas das metrópoles acabam por abrir possibilidades outras. Certamente essa ideia terá talvez poucos adeptos, mas não é necessário ser adepto da ideia e sim sentar-se para conversar sobre sua possibilidade e a efetividade do que afirmamos.